

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 4 de Abril de 1879

IV VOL. N.º 202.



BRAGA:

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1879

SEMINARIO DE S. PEDRO
BRAGA

1875

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, e que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidioces Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

SUBSIDIO PARA O SOBERANO PONTIFICE.

Lista dos subscriptores e respectivas quantias para o fim supradito:

Transporte.	5:663\$900	} remettido.	4:767\$715 réis
			em caixa.

Relação das quantias que entraram na thesouraria do Dinheiro de S. Pedro, em Braga, depois da primeira remessa.

Do Arcyprestado de Chaves—mais.	33\$230	»
Da freguezia de Villa Chã da Montanha.	1\$700	»
	<hr/>	
Somma em caixa.	930\$115	»
	<hr/>	
Somma total.	5:698\$830	»

Expediente ecclesiastico do Arcebispado de Braga.

Relação das dispensas matrimoniaes concedidas gratuitamente pela Nunciatura Apostolica e remettidas n'esta data ao Juizo Apostolico d'esta Archidiece, para lhes ser dada execução, na forma do estylo :

- Antonio Manoel Valente e Bernardina dos Prazeres, da freguezia de Cardanha.
- Antonio Ribalonga e Maria Joanna, da freguezia de Santa Marinha de Villa Verde.
- Augusto de Magalhães e Maria de Magalhães, da freguezia de Santa Sendorinha.
- Bernardino de Sampaio e Engracia de Mello, da freguezia de S. Pedro de Torrados.
- Carlos Alberto e Gracianna dos Santos, da freguezia de S. Mamede do Mogadouro.
- Francisco Antonio Ramos e Maria de Jesus Jacinta, da freguezia de Adeganha.
- Joaquim Martins do Rego e Anna de Azevedo, da freguezia da Campeã.
- Joaquim Monteiro e Bernardina Ribeiro, das freguezias de Pombeiro e de Lagares.
- Joaquim Pires Larangeira e Antonia Rodrigues, da freguezia de S. Paio d'Antas.
- José de Barros e Ephigenia Correia Coelho, da freguezia de Santa Maria de Passos.
- José Joaquim Affonso e Claudina da Pureza Brandão, da freguezia de S. Mamede de Ferreira.

José Maria da Rocha e Maria José, da freguezia de Monserrate de Vianna do Castello.

Paço Archiepiscopal de Braga, 2 de abril de 1879.

O Secretario do Exc.^{mo} Arcebispo Primaz,

Egydio Azevedo.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

1.^a Repartição

Em virtude de resolução superior, se declara aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar de 6 do corrente, para provimento das egrejas parochiaes seguintes :

Adoufe (Santa Maria), concelho de Villa Real, diocese de Braga.
 Villela (S. Miguel), concelho da Povia de Lanhoso, diocese de Braga.
 Moure (Salvador), concelho de Felgueiras, diocese de Braga.
 Nogueira (S. Romão), concelho de Ponte da Barca, diocese de Braga.
 Ponte do Lima (Santa Maria dos Anjos), concelho de Ponte do Lima, diocese de Braga.

Chorense (Santa Marinha), concelho de Terras de Bouro, diocese de Braga.

Arcossó (S. Thomé), concelho de Chaves, diocese de Braga.

Aldeia Nova do Cabo (Santa Cruz), concelho do Fundão, diocese da Guarda.

Bobadella (Nossa Senhora da Graça), concelho de Oliveira do Hospital, diocese de Coimbra.

Carregueiros (S. Miguel), concelho de Thomar, diocese de Lisboa.

Faro (S. Pedro), concelho de Faro, diocese do Algarve.

Freineda (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Almeida, diocese de Pinhel

Manique do Intendente (S. Pedro de Arrifana), concelho de Azambuja, diocese de Lisboa.

Mortagua (Nossa Senhora da Assumpção), concelho de Mortagua, diocese de Coimbra.

S. João do Monte (S. João Baptista), concelho de Tondella, diocese de Vizeu.

S. Silvestre (S. Silvestre), concelho de Coimbra, diocese de Coimbra.

Villa Nova de Reguengos (Santo Antonio), concelho de Reguengos, diocese de Evora.

SECÇÃO RELIGIOSA

Stabat Mater... juxta crucem!

Ha desenove seculos, que no cume do Calvario se passou a scena mais lugubre e mais pathetica, que a humanidade tem presenciado!

De um madeiro, posto ao alto, pendia agonisante um sympathico nazareno, cuja vida foi uma maravilhosa epopêa de virtudes e de beneficios espalhados á sociedade!

A plebe amotinava-se ante as cruezas de uma agonia, que mais desafiava as lagrimas da compaixão, do que as aleivosas affrontas dirigidas ao resignado padecente!

A soldadesca infrene e violenta embriagava-se com aquelle penoso martyrio e postergava a honra, jogando na presença da innocente Victima a tunica inconsutil do Divino Martyr!

Junto á Cruz estava lacrimosa e inconsolavel a Virgem!

Aquella Mãe infeliz, com os olhos embaciados de lagrimas, com o coração retalhado de angustias, com as faces macilentas e desbotadas pelo soffrimento e com a alma envolvida na caliginosa noite da sua triste soledade, estava alli, como viva estatua da dôr, dando ao mundo o espetaculo sublime da mais santa das resignações e do mais amargurado dos martyrios!

E' que n'aquella Cruz agonisava o seu estremecido Jesus!

Acerbo era o soffrimento e pungentes as dôres, que sentia Jesus pendente d'aquelle ignominioso madeiro; porque as quedas e os rojos que deu, os dilacerantes ferros que rasgaram as suas mãos, sempre abertas para espalhar o bem, e os seus pés, sempre incançaveis nas suas evangelizadoras peregrinações pela Judea, os sarcasmos com que O aviltaram, a affrontosa corda d'espinhos, e, sobretudo, a obstinada cegueira dos homens, que, desvairados, commettiam um tão nefando crime, tudo concorria para amargar os ultimos momentos d'Aquelle, cujo *delicto* era ter semeado beneficios, ensinado o amor universal, curado os enfermos, alumiado os ignorantes e os cegos, resuscitado os mortos e perdoado os peccados!

E Maria desmaiava ante tão crueis soffrimentos!

Os pregos rasgavam aquellas carnes, creadas nas suas purissimas entranhas, os espinhos circumdavam aquella nobre fronte, que tantas vezes havia reclinado em seu virgineo seio, e o sangue corria d'aquelle corpo, que Ella por tantas vezes havia estreitado em seus braços!

E esta pobre Mãe, que se havia escondido quando o seu estremecido Filho entrou triumphante em Jerusalem, não O desamparára nas amarguradas horas da paixão! *Stabat juxta crucem!*

A sua alma afflicta, trespassada de crudelissimas dôres, presenciou no Golgotha, á face de Deus e do Universo, o mais hediondo dos crimes, a mais sordida libertinagem e a mais aviltante scena, que jámais teve semelhante na historia da humanidade!

O seu querido Jesus contorcia-se nas vascas agonisantes da morte, para todos volvia os seus olhos já quasi sem vida, e balbuciava ainda palavras de amor e perdão, que vieram repercutir-se nas edades futuras com assombroso psmo das gerações!

E quando o vaso querido das suas predilecções foi arremessado pelas iniquidades dos homens contra a fria campá da morte, vertendo no seio de seu Eterno Pae a sua alma divina, em resgate das tyránicas gargalheiras de sataná ; quando o archanjo da morte pairou sobre a loura e ensanguentada cabeça do Divino Martyr e, com as suas negras azas, apagou n'Elle o pallido reverbéro d'aquella vida, cortada pelas ingratições dos homens, o mundo cubrio-se dos negros crépes de pezado luto pelo Auctor da natureza, os homens entre-olharam-se pasmados ante o tristissimo espetáculo da mysteriosa morte de um Deus, e a Virgem, ao afundir-se nas escurentadas sombras da morte aquelle só esplendissimo de virtudes e de innocencia, sentio em seu alanceado coração a ultima e agudissima dôr da sua inconsolavel soledade !

N'aquella hora de profundissima tristeza, a populaça tripudiava ao redor da Cruz, Maria derramava copioso e amargó pranto, a terra estremeia em seus fundamentos, o só escurentava os seus resplendores, Jesus morria e resgatava allim a triste humanidade !

E as dôres d'aquella Mãe amarguradissima, profundas como o oceano e amargas como as suas salsas ondas, conclamaram-n'a—*Rainha dos Martyres ! !*

Desde este momento solemne, aquella Cruz, polluta de affrontas e de ignominias, mas purificada pelo precioso sangue de Christo, hasteouse, como glorioso lábaro desfraldado aos encontra-los ventos do seculo, e ficou sendo o eterno monumento da nossa redempção ; e nem as furiosas tempestades mundanas, nem o assolador tufão da impiedade, nem a potente alavanca das revoluções jámais abaterão este famoso marco plantado no seio da sociedade, redemida pela morte do Justo !

Ella ahí está arvorada no pinaculo dos templos a desafiar as iras das potestades da terra e a ensinar-lhes o caminho do céu ; ella ahí está, erguendo-se humilde por entre os obscuros mysterios do tumulo e projectando benefica sombra sobre as carcomidas ossadas dos que morreram abraçados a ella, para indicar-nos a união do tempo com a eternidade e symbolisar uma intima e viçosa esperanza na gloria celeste ; e desde o primeiro vagido da infancia até ao ultimo gemido da decrepitude, que vae echoar na lousa sepulchral e retumbar nas catacumbas mortuarias, a Cruz é sempre uma terna consolação, um salutar balsamo e um doce allivio para as tribulações e amarguras de nossa alma !

O sagrado lenho da Cruz foi como que a mysteriosa vara de Moyses, que, conculcando e fendendo o rochedo do Calvario, fez brotar d'aquellas agrestes fragas caudalosa torrente de virtudes, graças e beneficios ; em que todos os povos têm saciado as ardencias de seus corações sequiosos de vida e as constantes aspirações de suas almas, de ha muito desejosas de serem illuminadas no caminho do bem pelas esplendorosas luzes da fé christã !

Mas a Cruz, quer seja arvorada nas culminantes arestas dos templos, quer nos relvosos cómoros do cemiterio, nas cumladas dos montes ou na profundeza dos valles, ella é e será sempre a baliza plantada entre a velha civilisação pagã, que se desconjuntou em contacto com este sagrado madeiro, e a nova civilisação, argamassada com as lagrimas e com

o sangue dos martyres, protegida pelas benemerencias da redempção e abrihantada pelos luminosos esplendores da religião catholica!

Que era o mundo antes da Cruz? cadaver putrido, exhalando os miasmas da corrupção, da miseria e do aviltamento!

A mulher, desconsiderada, apeada do throno da sua dignidade pessoal e sempre escrava submissa das cruezas do homem, nunca foi reconhecida por elle como a inseparavel consorte dos seus destinos, como a depositaria da sua honra e como a alegria intima do lar domestico!

Em presença, porém, da Cruz, ella tornou-se o anjo tutelar da familia, a guarda vigilante das alegrias domesticas, tendo sempre um balsemo para cada dôr, um consôrto para cada desalento, um conselho para todas as desesperanças, um seio para todas as amarguras e um coração para todos os affectos!

A sua alma, educada na eschola do catholicismo, protegida pelos braços da Cruz e inspirada pelo exemplo da Mãe de Deus, transfigurase em celeste medianeira entre a terra e o céu, entre a creatura e o Creador, entre o finito e o infinito!

Que era a creança no mundo d'além da Cruz, senão tenro arbusto, que o vendaval de falsas doutrinas fazia curvar e até arrancar na sua impetuosa passagem? que destino tinha aquella delicada flôr, que despontava, enfezada, nos jardins da Lacedemonia, senão o de ser cruelmente cortada pela souce inexoravel de barbaras leis?!

E o escravo o que era, senão a humanidade gemendo acorrentada ao estigma da maldição, que pezava sobre ella? que direitos tinha o desgraçado, que nascia servo, a não ser os de ser vendido, varado ou morto, segundo o arbitrario capricho de seu deshumano senhor?

E a honestidade de costumes, a racionabilidade das leis, a justiça dos codigos, que outra cousa eram, senão a immoralidade vaidosa e despejada, que reinava entre os povos?!...

Mas veio a Cruz, e com ella projectou-se luz intensissima nas escuras trevas d'aquelle profundo cahos.

Assim como o sol nasce para todos e illumina a todos, assim tambem Christo, padecendo a mais ignominiosa das mortes, remio todos os homens, nivelou todas as classes, aproximou todas as condições e uniu todos os povos sob os braços sempre abertos da sua Cruz; porque d'ali é que no solitario deserto da existencia nos chove o delicioso maniná de suaves confortos e dôces consolações; porque da Cruz é que nasce uma torrente de vivissimas esperanças, que nos acalentam a vida até transpôr os sombrios áditos da eternidade!

E a mulher, protegida pelo christianismo, emancipa-se do aviltamento, em que a prostrara o mundo pagão; as creanças, as predilectas de Jesus, são as olorosas flôres da innocencia e os mimosos lyrios da pureza, que desabrocham á sombrá da Cruz, sem os agudos espinhos do peccado, nem as maculas do mundo; o escravo torna-se homem livre, e o seu nome é apenas um simples som, que não tem significação alguma nos dictionarios christãos; os costumes purificam-se, e as leis inspiram-se da santidade da Cruz para serem a eterna expressão do bem e do justo!

Avé Cruz, spes unica!

E, portanto, a Cruz o facto mais memorando, que ficou para sem-

pre gravado na pyramide collossal de sessenta seculos, sobre que se sustenta a historia de toda a humanidade!!

Braga 4 de abril de 1879.

Egydio Azevedo.

A Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

Oh cruz! ave spes unica...

Era chegado o tempo em que deviam realizar-se os oraculos dos prophetas ácerca da Paixão e morte do Salvador, para a redempção do genero humano!

Era chegada a hora marcada pela Próvidencia divina em que Nosso Senhor Jesus Christo ía dar principio áquella serie de padecimentos que haviam de acabar no monte do Calvario!

Quatro mil e trinta e tres annos desde a criação do mundo, haviam decorrido, segundo o computo commum, quando, na cidade de Jerusalem, se verificou a tragedia mais triste e lastimosa que jámais presenciaram os seculos!

Sim, aquelle que fôra annuciado ao mundo, desde o paraizo, como libertador da humanidade; aquelle que, por tantos seculos, tinha sido o objecto das esperanças dos patriarchas; aquelle que é a mesma santidade, impeccavel por natureza, é tratado como se fôra um grande criminoso, e arrastado por uma populaça furiosa a soffrer os mais crueis tormentos.

Aquelle que tres annos antes de consummar o tremendo sacrificio, havia prégado uma celestial doutrina, obrado numerosos prodigios, liberalisado um sem numero de beneficios, dando ouvido aos surdos, falla aos mudos, vista aos cegos, vida aos mortos, é tratado como se fôra um malseitor, e o mais infimo dos homens!

Oh! dizia outr'ora santo Agostinho penetrado da grandeza do amor d'um Deus para com os homens: «Até que excesso nos tendes amado, ó Pae das misericordias, pois que não tendes poupado vosso unigenito Filho, a ponto de o entregardes a uma morte a mais affrontosa para salvação dos peccadores!

Qual não deve ser o excesso do vosso amor, entregando á morte aquelle que nada usurpa quando se diz equal a vós, e que todavia se submete a obedecer-vos, e a offerecer-se por nós em sacrificio á vossa divina Magestade, sendo ao mesmo tempo sacrificador e victima; e que, de escravos que eramos pela desgraça de nosso nascimento, nos ha elevado até á qualidade de vossos filhos!...

E na verdade, Jesus Christo depois de ter acabado a ultima cêa com seus discipulos, querendo deixar aos homens um penhor immortal de seu infinito amor, instituiu o adoravel Sacramento de seu corpo e de seu sangue, tornando-se por este meio ineffavel nosso alimento espiritual.

Depois todo occupado da sua morte, sabendo que era chegada a

hora da nossa redempção, sahiu do cenaculo acompanhado de seus onse apóstolos, passou a torrente do Cedron, e chegou ao pé do monte das Oliveiras, a um logar chamado Gethsemani, onde havia um jardim.

Entrou ahi com os seus discipulos para começar o mysterio doloroso da sua paixão. E' n'esse logar que, separado de todos os objectos sensiveis, só com sua dôr, entregue á justiça de seu Pae, Elle expia por uma tristeza profunda, e por penas interiores as mais afflictivas, a falsa alegria do peccador, e o prazer desgraçado que elle encontra na transgressão da lei: *cæpit contristari et moestus esse.*

Tristesa causada por tres poderosos motivos. 1.^o pela vista dos peccados do mundo de que se achava carregado: 2.^o pela vista de sua proxima paixão: 3.^o pela consideração da inexoravel justiça de seu Eterno Pae.

Sim, é alli que Jesus, na maior consternação, se recorda de todos os horrores dos seculos passados, vendo ao mesmo tempo todos os crimes que hão-de desolar, segundo a expressão d'um propheta, toda a terra nos seculos futuros.

E' alli que elle vê uma successão ininterrompida de crimes, desde o sangue do innocente Abel, até á ultima consummação da iniquidade; todos os homens entregues aos desvarios e excessos os mais vergonhosos.

Vê um povo querido de Deus, depositario de suas promessas, revoltar-se contra o seu bemfeitor, para correr após de divindade estrangeiras:

Vê o resto das nações seguirem cegamente todo o furor de suas paixões, substituirem a mentira pela verdade, desviarem-se e desviar os outros dos rectos caminhos, para correrem caminhos tortuosos, erigirem altares á impureza, á avareza e á intemperança:

Se lança a vista sobre os seculos futuros, e sobre os tempos que hão-de passar desde este momento fatal até nossos dias desafortunados, novos motivos de confusão e de amargura se lhe appresentam:

Elle vê o peccado que sua morte não ha-de impedir de reinar sobre a terra, seu sangue calcado aos pés por homens ingratos, pelos quaes vae ser derramado, seus Sacramentos profanados, seus mysterios desprezados, os sacrilegios que deshonram a Igreja, os scimas que a dividem, as heresias que lhe despedaçam o seio.

Vê, enfim, tudo o que a infidelidade tem de mais doloroso na deserção dos apóstolos, tudo o que a ingratição tem de mais cruel no furor dos judeus, tudo o que a perfidia tem de mais iniquo na traição de Judas.

O patibulo, a cruz, a morte com tudo o que ella tem de mais horroroso, tudo se lhe põe diante dos olhos, e é então que o temor de que Jesus Christo é penetrado á vista de tantos supplicios, o faz exclamar, pronunciando as seguintes afflictivas palavras: *Tristis est anima mea usque ad mortem.*

Sim, eu sinto as dôres da ultima lucta; vejo-me opprimido d'uma tristeza que me faria morrer desde já, se não me reservasse ainda para maiores tormentos.

Jesus descobre suas angustias aos seus apóstolos; abre-lhes seu co-

ração, como a seus bem-amados, para encontrar n'elles alguma consolação ; quer tambem, d'este modo, fazer-nos conhecer o quanto lhe havemos custado, e mostrar-nos que elle é homem, sugeito, como nós, ás dôres humanas, ao temor e á tristeza.

E como n'esta afflicção, n'esta estranha tristeza, todo o sangue se ajuntasse em torno de seu coração para o fortificar, a caridade, o amor fêl-o rebentar e correr por todos os seus membros. D'ahi esse suor, como gotas de sangue, que corria até á terra: *Et factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram*. (S. Luc. cap. 22 v. 44).

Prevalecendo, pois, n'esta grande lucta, a caridade e o amor em favor dos homens, contra o temor dos tormentos e da morte, Jesus faz saber aos seus apóstolos que se approxima o momento de ser entregue aos seus inimigos. A obra da iniquidade, lhes diz, vae effectuar-se. Judas, o perfido discipulo, caminha para aqui com gente armada de espadas e de paos para me prenderem e maniatarem, como se sôra um ladrão.

Bem podia Nosso Senhor tornar-sê-lhes invisivel, ou, por qualquer outro modo, frustrar seus depravados e malignos intentos. Mas não ; Ella consente que seus inimigos o prendam, e se lancem sobre si, como lobos sobre uma innocente ovelha.

Então o conduziram incontinentemente á casa de Annaz, e d'ahi á de Caiphaz, gran sacerdote d'esse anno. Depois de interrogado por um e outro ácerca de sua doutrina, e de seus discipulos, Jesus responde com a maior humildade, fazendo-lhes vêr que nada disse em segredo, que ensinou sempre na synagoga, e nó templo, onde se reuniam os judeos, que podiam informal-os do que tinham ouvido.

E aqui omitindo por brevidade os mais tratos, os insultos e zombarias a que Nosso Senhor esteve exposto, durante uns taes interrogatorios, diremos—que Caiphaz, não podendo encontrar em suas palavras cousa alguma que lhe podesse servir de pretexto para condemnal-o, empregou, para o obrigar a responder, o que ha de mais sagrado: *Eu te conjuro, lhe diz, pelo Deus vivo, que nos digas se és o Christo, Filho do Deus bendito*. Bem podia Nosso Senhor calar-se ou responder, como o havia feito tantas vezes, de modo a confundir a malicia de seus inimigos. Mas, posto que soubesse que ia arriscada a vida, comtudo, em attenção ao santo nome de Deus, ainda que proferido por uma bocca blasfema respondeu : Tu o disseste ; Eu o sou (Tu dixisti : Ego sum).

Então Caiphaz, dissimulando sua alegria debaixo da máscara d'uma hypocrita indignação ; rasgou seus vestidos dizendo : *Blasfemou ; que necessidade temos nós de testemunhas, e acrescentou em ar de triumpho—Vós acabaes de ouvir o blasfemo : Que vos parece ?*

Aqui, como se vê, o gran sacerdote destroe a ordem da justiça, appresenta-se como accusador, torna os assistentes juizes, e requer a condemnação de Jesus—*Todos responderam : E' réo de morte*. (At illi respondentes dixerunt : Reus est mortis).

Está, pois, pronunciada a iniqua sentença ! O innocente o bem-feitor da humanidade, o Salvador do mundo, está condemnado a morrer ! Falta ser confirmada pelo governador da Judea Poncio Pilatos.

Mas, antes d'isso, porque injurias, porque affrontas, porque zombarias não passou Jesus, entregue aos satellites dos pontifices ? !

Elles escarram-lhe no rosto, vendam-lhe os olhos, para o escarnecerem mais á vontade, e o ferirem com maior liberdade, pois não podiam, sem tremer, supportar a magestade de sua vista; dão-lhe bofetadas, arrancam-lhe os cabellos da barba, como o tinha predicto Isaias: (*Faciem meam non averti ab increpantibus, et conspuentibus in me.* (cap. 50 v. 6.^o)—E a todos estes tormentos ajuntam palavras injuriosas e um sem numero de blasfemias...

Pedro, aquelle valente e privilegiado apostolo, que alli se achava, e que tinha promettido morrer por seu Mestre, se necessario fosse, cahe na fraqueza de o negar por tres vezes; então Nosso Senhor fixa sobre elle seus divinos olhos, parecendo dizer-lhe: Aonde está, ó Pedro, a fidelidade que tantas vezes me has jurado? Se eu pude sustentar-te sobre as ondas, fraco discipulo, e preservar-te de toda a violencia dos ventos e das tempestades, tens acaso temido que Eu não tivesse a precisa força para te defender contra todo o poder dos homens?

A tua queda tem-me humilhado mais que todos os ultrages de que me ves carregado; tu acabas de afirmar com juramento que me não conheces! ingrato! Mas Eu conheço-te bem; e porisso te conservo ainda o titulo e a prerogativa de Chefe da minha Igreja. Chora o teu peccado, e d'ora avante nada seja capaz de te separar do teu Deus.

N'esse momento o apostolo, recordando-se do que o Senhor lhe havia dito «antes que o gallo cante duas vezes, tres vezes tu me negarás» cahiu em si, e, verdadeiramente arrependido do seu peccado, sahindo para fóra do logar onde estava, principiou a choral-o amargamente. E eis ahi o que é o homem, quando, desajudado da graça, põe toda a confiança nas suas proprias forças!

Emfim chegou a manhã de sexta feira, dia em que Nosso Senhor havia de conduzir a grande obra da redempção do genero humano; e tendo-se reunido de novo o conselho, e feitas a Jesus quasi as mesmas perguntas que na noite anterior, conduziram-no ao tribunal de Pilatos, para que este confirmasse a sentença de morte.

O presidente romano, depois de o interrogar, não encontrando motivo algum para o condemnar, mandou que o levassem a Herodes, que tambem o não achou digno de morte, visto que lho tornou a enviar; então Pilatos, lembrando-se de que havia o costume de soltar um criminoso na festa da Paschoa, voltou-se para aquella turba furiosa, dizendo-lhe: Quereis que eu vos solte este, ou Barrabaz, que é um grande ladrão, e se acha prezo por enormes crimes?

A esta pergunta os judeos e toda a gentalha que estava na praça, responderam, que fosse solto Barrabaz, e condemnado Jesus. Então o governador em presença d'uma tal obstinação, querendo affastar de si toda a responsabilidade, excogitou um meio, ainda que assás deshumano, para vêr se podia mover á compaixão aquella populaça furiosa.—Mandou que Jesus fosse açoutado d'um modo cruel, atim de que o povo vendo-o feito uma viva chaga, se compadecesse d'elle, e não pedisse a sua morte.

Executada esta barbara ordem, e terminado o cruel tormento dos açoutes, os judeos teceram uma corôa de agúdos espinhos, e lha pose-ram na cabeça, e na mão direita uma canna, continuando a escarnecer-o e a feril-o com uma deshumanidade inaudita.

N'este triste estado é que Nosso Senhor foi obrigado a assomar á varanda do pretorio. Ahi Pilatos, dirigindo-se ao povo, exclamou: *Ecce Homo*: eis aqui o Homem, que reputaes vosso inimigo; eis aqui aquelle que dizeis perturbava a ordem publica; eil-o tão humilde, que nada tendes a temer d'elle.

Mas este meio, excogitado por Pilatos, longe de produzir o effeito que elle esperava, produziu o contrario, visto que os judeus principiaram a gritar com mais furor que antes: *Crucificai-o, crucificai-o: Crucifige, crucifige eum.*

A pezar de tudo isto, vendo aquella turba furiosa que o governador da Judea desejava ainda livrar da morte o Innocente, tratou de ameaçal-o, vociferando: *Se daes liberdade a este homem declarais-vos inimigo de Cesar.*

Intimidado por estas palavras, e conhecendo que eram inuteis todos os seus esforços para salvar Jesus, pois que o tumulto augmentava de mais em mais, manda que lhe tragam agua, e lava as mãos diante d'aquelle povo, exclamando: *Eu sou innocente do sangue d'este Justo: quanto a vós olhae para o que fazeis.*

Oh! Pilatos devia dar este brilhante testemunho a Jesus Christo, antes de o entregar á morte! Depois d'isto é pronunciada a injusta e cruel sentença. Barrabaz é solto, e Jesus entregue á discrição d'uma população furiosa, cujo odio não podia ser saciado senão pelo ultimo supplicio.

Infeliz Pilatos! E' em vão que protestas tua innocencia! Tu lavas as mãos, mas sujas a consciencia. O crime que acabas de commetter sciente e voluntariamente, não pode ser expiado por essa lavagem exterior do corpo. A nodoa que imprimes em tua alma, é indelevel; teu nome é irrevogavelmente unido á iniqua condemnação do Salvador.

Atravez de todos os seculos, o universo catholico ha de repetir no symbolo de sua fé: *Padeceu sob o poder de Poncio Pilatos. Passus sub Pontio Pilato.*

Lavrada, pois, a sentença de morte, os verdugos despojam a Jesus da ridicula purpura com que o tinham coberto, revestem-no de seus vestidos, afim que todo o povo possa reconhecê-lo; porque os golpes, os escarros e a corôa de espinhos o tinham por tal modo desfigurado que não tinha parecença do que era. (Isai. cap. 53).

Põe sobre seus hombros, escorrendo sangue, a pesada Cruz, em que havia de ser crucificado, e ahi vae Jesus, em pleno meio dia, atravessando a cidade, e por um caminho assás longo, até ao Calvario.

Oh! Jesus Christo, como diz santo Agostinho, é arrastado fóra das portas de Jerusalem, para que nos convencessemos de que era Elle a hostia de propiciação por todos os filhos dos homens.

E n'este sentido, diz S. Leão, era necessario que a victima predestinada para perpetuar o sacrificio da pacificação geral, não fosse consagrada no templo, mas á face do universo.

Sim, Nosso bemdito Salvador, inteiramente esgotado de forças pelos tormentos passados, sentia muita difficuldade em subir até ao cume do Golgotha; todavia o amor que nos tinha, e o desejo de obedecer em tudo a seu Eterno Pae, o fazem empregar os maiores esforços para chegar ao sitio onde devia dar a vida pela salvação dos homens.

E aqui é de notar que não é sem mysterio que Nosso Senhor quiz soffrer a morte sobre o Calvario, porque, segundo uma tradição antiga, repousando ahí os ossos do primeiro peccador, era digno da sua infinita misericordia curar e levantar o homem, lá onde o seu orgulho o havia reduzido a cinzas : (*Et dignum erat, ut ubi occiderat humana superbia, ibi se inclinaret divina misericordia*).

N'esse sitio, pois, os verdugos, pela quarta vez, despojam Jesus de seus vestidos; renovam todas as suas chagas, arrancando-lhe a tunica que, pelo sangue coalhado, estava unida á sua carne.

Logo quatro soldados o deitam com violencia sobre a cruz, na qual este divino cordeiro, abrazado de amor por nós, se estende voluntariamente, como sobre um leito nupcial que nossas almas lhe haviam preparado.

Agradece a seu Pae celeste o ter-lhe chegado a sua hora, e, verdadeiro Isaac, offerece-se em sacrificio pelos peccados do mundo.

Que dôres, que angustias, que afflicções não soffreu Nosso Senhor ao serem-lhe traspassados seus divinos pés e suas divinas mãos!

Sim, n'este momento renovam-se todos os soffrimentos de sua Paixão; renovam-se todas as suas chagas! Quem ha que possa conceber toda a extensão d'estas dôres, e toda a crueldade d'este supplicio?!

Parece que o divino Salvador quiz soffrer sobre o Calvario todas as dôres juntas: uma cruz levantada com horriveis abalos: um corpo suspenso por agudos e grossos cravos, e derramando copioso sangue de suas chagas—esta só idea faz tremer; e todavia é este o lamentavel estado em que Jesus passou as tres ultimas horas de sua vida!

Eis ahí consummado o maior, o mais cruento sacrificio que os seculos tem visto—sacrificio a que o Filho de Deus, feito homem, quiz sujeitar-se para nos arrancar da tyrannia de satanaz.

De que sentimentos, pois, de gratidão não devemos nós ser possuidos para agradecer um tão grande beneficio, uma prova a mais decisiva do extremoso amor d'um Deus para com os homens?

Oh! vamos, vamos sem demora aos templos do Senhor, prostrar-nos diante da Imagem de Jesus crucificado. Vamos, verdadeiramente arrependidos de nossos peccados, supplicar-lhe que se digne dar-nos abundantes graças para que nos aproveite um tão doloroso sacrificio!

Vamos adorar aquella Cruz, onde Jesus Christo quiz morrer por nós. Sim, aquella Cruz, que é symbolo de nossa fé, e escola de todas as virtudes.

Verdadeira arvore da vida, ella nos recorda que o Salvador tem cicatrizado nossas chagas, curado nossas doenças espirituaes, transportando-nos da região das trevas, e das sombras da morte ao reino da luz.

Verdadeira arvore de liberdade, ella nos faz lembrar que de escravos que eramos do demonio, ficamos sendo livres; que, de filhos de colera e de perdição, havemos recobrado a gloriosa qualidade de filhos de Deus.

Oh cruz! ave spes unica....

A. e B.

O palacio e o templo.

E' noite de inverno, escura ;
 E pelas ruas murmura
 O vento, qual na espessura,
 Indo augmentando o pavór ;
 Ante um Palacio luzente
 Apinhada vê-se gente ;
 E, em carroças, diligente,
 A vaidade, o luxo o amor !

Ha baile, ha festa nas salas
 D'aquelle opulento ; as gallas
 São tantas que nem ha falas
 Com que se possam pintar...
 Oh ! Pasmemos, cá de fóra,
 Nas escadas, onde flora
 Em ricos dons se aprimora,
 Perfumando á róda o ár.

Atravez das cristalinas
 Janellas, entre as cortinas,
 Que donzellas peregrinas !
 E que mancebos gentis !
 Sobre elles de toda a parte,
 Multiplicada com arte,
 De cem lustres se reparte
 A luz, chovida em rubis.

E por traz da mocidade
 Que vultos de gravidade !
 Os notaveis da cidade,
 Trazendo no peito um ceu...
 E servos a cento e cento,
 Mais ligeiros do que o vento,
 Do senhor ao pensamento,
 A qualquer aceno seu !

E tudo em côrte de agrado,
 Tudo incenso e alto brado
 Ao fragil barro dourado !...
 Voltemos olhos além...
 Ao clarão vivo, que passa
 A jorros, pela vidraça,
 Avulta indistincta massa
 De pedra... não vejo bem...

Mais perto... agora contemplo...
 Agora o que? !... triste exemplo !

Agora descubro um templo
 Em trevas immerso, e só!...
 Um templo?! Eganado espanto!!!
 Casa de Deus vivo e santo?!
 O' homem, não ouse tanto;
 Fôra ousar de mais o pó!

Face a face; aqui tão perto??...
 Oh! Enganei-me de certo!
 Pôr assim em livro aberto
 A injuria e ingratição!
 Aqui, festas, alegria,
 A noite trocada em dia,
 Cantos, danças á porfia...
 Alli, nudez, solidão?!

Alli, onde em hostia pura,
 Em mysterio de ternura,
 Por ti, por tua ventura,
 Se resume o immenso Deus!
 Alli no altar escondido,
 Em amor estremecido
 Por ti dos anjos fugido,
 Fugido por ti dos Ceus!

E tu dás palmas e flôres,
 Dás brilhantes esplendores,
 Alegres vozes, louvores,
 Ao pó erguido, fallaz,
 Ao insecto, que zumbira,
 Tenha sceptro, espada, ou lyra,
 E que em breve se sumira
 Na campa?... Não dês; não dás.

Não dês; nem dás, se meditas
 Nas letras, em rubras fitas
 D'invisivel mão escriptas
 Lá no byblico festim.
 Riso, festa, lampadario,
 Do mundo bulicio vario,
 Tudo passa; do Sacratio
 Só o Deus não terá fim!

E os que forem aos bailes agora,
 Se da Igreja passarem ao pé,
 Quem ali deixam se lembrem n'essa hora
 E a quem buscam tambem, e porquê.

J. de Lemos.

(Do *Ecclesiasterium*).

ANNUNCIOS

CONFERENCIAS SOBRE O SOCIALISMO

Recitadas na egreja de Nossa Senhora de Grenoble, durante a Quaresma de 1870, pelo R. Padre Felix, da companhia de Jesus e traduzidas em portuguez, por Francisco Luiz de Seabra, parochio de Cacia.

Preço. 500 reis.

CONVERSÃO SOBRE O PROTESTANTISMO HODIERNO

por Monsr. Ségur

Traducção do Padre Senna Freitas.

E' obra excellente; recommendamol-a.

Preço. 200 reis.

VIDA DO SANTO PADRE O PAPA PIO IX

OBRA POPULAR

DE

JOSE' BLUM.

Vertida da 3.^a edição allemã, annotada e additada por *Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães.*

Preço. 1\$000 reis.

A Raccolta.

Ou collecção de orações e obras pias ás quaes os Summos Pontifices tem annexo indulgencias, publicada por ordem do SS. Padre Pio IX, traduzida pelo Dr. Francisco Luiz de Seabra. Um vol. de 443 pag. vende-se na livraria Chardron por 600 réis.

Aviso aos snrs. editores.

Apreciam-se e annunciam-se todas as obras religiosas de que se tenham recebido dois exemplares; e annunciam-se sómente aquellas das quaes se haja recebido n'esta redacção um só exemplar, e que em todo o caso sejam obras dignas de se aununciarem u'este Semanario.